

Cidades que educam e se educam: *reconstruindo o olhar sobre a educação a partir dos territórios e das pessoas*

 **JAQUELINE MOLL***

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS, Brasil

 **RENATA GERHARDT DE BARCELOS****

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS, Brasil.

 **THIAGO DUTRA*****

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS, Brasil.

Os desafios históricos e contemporâneos do mundo em que vivemos nos mobilizam a refletir sobre processos sociais e educacionais, exigindo respostas diversas das construídas historicamente ao mesmo tempo em que exigem retomar, permanentemente, a perspectiva do direito à dignidade humana a ser garantida, inclusive, pela educação.

No campo educacional, especificamente, múltiplos fatores precisam ser considerados para a compreensão da amplitude desses desafios aprofundados na realidade brasileira pela ausência estrutural de garantia, a todos/as, do direito aos processos escolares. Entre esses desafios, o formato rígido da instituição escolar – reiteradamente dissociada do mundo e da vida, a fragmentação disciplinar dos conhecimentos e a forma estanque de organização dos tempos escolares, o sucateamento da profissão docente e da infraestrutura das instituições, a noção de qualidade reduzida a resultados de testes avaliativos, a preocupação excessiva com uma formação para o mercado e não para a cidadania ativa etc. etc.

Em paralelo, acompanhamos crises de todas as ordens nas nossas cidades, no campo da saúde, da segurança, da moradia, do saneamento e da mobilidade, entre outras.

* Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Frederico Westphalen. Coordenadora do Grupo de Pesquisa: Educação Integral na Escola e na Sociedade: Sujeitos, Territórios, Dimensões e Interfaces. *E-mail*: <jaquelinemoll@gmail.com>.

** Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Membro do Grupo de Pesquisa: Educação Integral na Escola e na Sociedade: Sujeitos, Territórios, Dimensões e Interfaces. *E-mail*: <renatagbarcelos@yahoo.com.br>.

*** Doutor em Educação em Ciências. Professor e educador popular. *E-mail*: <thiagodutrac@hotmail.com>.

Percebemos um agravamento desses desafios quando nossos olhares se voltam para as periferias das cidades. Este complexo contexto ganha contornos mais dramáticos com o abalo das bases democráticas sobre as quais vem sendo construídas as sociedades republicanas, sob ameaça permanente de velhos fascismos, reconfigurados nos dias atuais.

Este importante momento da história nos desafia a pensar um paradigma educativo que permita (re)significar os processos pedagógicos, considerando a instituição escolar – e outros potenciais espaços educativos – a partir dos diferentes territórios em que as pessoas vivem e significam suas vidas. Assim, pensar a cidade é pensar em relações equilibradas entre as pessoas, os governos, as políticas públicas, as instituições, na perspectiva do bem-viver. Afirmar a educação escolar e pensar a educação para além dela é fundamental para construirmos uma sociedade que eduque e seja educada através de todos/as os/as seus/suas agentes, a partir de pactuações que dignifiquem a vida. Buscar formas de reinvenção da escola, lócus da educação formal por excelência, e valorizar outros territórios e espaços onde são construídas possibilidades permanentes de educação não formal e informal apresentam-se como imperativos nesta encruzilhada da história.

Para Edgar Morin e Carlos Díaz (2016), o modelo da educação hegemônica tende a não oferecer as possibilidades formativas necessárias para os/as educandos/as tornarem-se cidadãos/ãs aptos/as a exercerem seus direitos e deveres em um mundo globalizado e complexo por natureza. É nesse sentido que a “educação bancária”, segundo Paulo Freire (2011) – preocupada com o acúmulo de conteúdos, baseada na pedagogia da resposta, coerente com gestões escolares mais administrativas que pedagógicas, focada na formação técnica (seja para os concursos vestibulares, seja para o mercado) – precisa ser compreendida e repensada.

O enfrentamento deste modelo exige um alargamento da concepção de educação e suas intencionalidades, a partir do reconhecimento e da valorização de saberes e possibilidades dos territórios e das cidades. Essa escola, que deve se reinventar, não pode estar fechada em si, mas necessita constituir-se como espaço em interação com sua comunidade, família, rua, bairro e com a própria cidade.

O presente dossiê, *Cidades que educam e se educam*, reúne estudos e pesquisas de educadores/as e pesquisadores/as que pensam as pautas educativas na escola e para além dela, como possibilidades permanentes para qualificar a vida nas cidades. Inspirado no geógrafo brasileiro Milton Santos e na última versão da *Carta das Cidades Educadoras* (2020), documento proposto pela Associação Internacional de Cidades Educadoras – AICE, este dossiê propõe *pensar em diferentes possibilidades para as cidades tornarem-se espaços policêntricos, articuladores e potencializadores de políticas, instituições e atores sociais, na perspectiva de uma educação cidadã por toda a vida dos sujeitos que nelas habitam, em seus diferentes tempos*.

A ideia de uma Cidade Educadora apareceu nos princípios da obra proposta pela UNESCO e organizada por Edgar Faure, *Aprender a ser*, em 1973. No final dos anos 1980, a cidade de Barcelona, na Espanha, trabalhava para implementar esse conceito em uma proposta que integrava educação formal, não formal e informal, para todos os/as cidadãos/ãs,

da infância à velhice. Tal perspectiva é reveladora de um compromisso político, público e ativo de educação, que vincula famílias, escolas, ruas, associações de bairro, indústrias culturais, empresas e outras instituições e coletivos (BELLOT, 2008).

‘A Cidade somos nós’ foi uma expressão utilizada pela pedagoga e Secretária de Educação de Barcelona (1987-1995), Marta Mata, e carrega em si uma declaração de princípios, propondo um modelo novo de cidade. O chamado ‘modelo Barcelona’ de modificação urbanística e cultural ficou mundialmente conhecido depois dos Jogos Olímpicos de 1992, e a cidade começou a ser entendida como espaço de interação, de acesso para todos/as, com arquitetura planejada, trânsito pacificado, índice menor de violência, preocupada com a resolução democrática de suas demandas através das organizações de bairro, coletivos e da participação cidadã, em que todos os espaços são entendidos como locais de aprendizagem (MARAGALL, 2008).

No início dos anos 1990, ocorreu em Barcelona o primeiro Congresso Internacional das Cidades Educadoras, cujo resultado foi uma Carta com os princípios básicos que direcionar as intencionalidades formativas da cidade. Desde sua primeira edição, a Carta vem sendo adaptada, em suas perspectivas, aos novos desafios sociais, ambientais e econômicos, como ocorreu em 1994 (Bolonha), em 2004 (Gênova) e em 2020 (Barcelona).

Das *Cidades Educadoras* pensadas na Europa, vamos avançando para a perspectiva de *cidades que educam*, à luz de contornos decoloniais e latino-americanos, tendo como horizonte a educação como um campo que permite recriar constantemente nossa forma de entender e estar no mundo, como uma tarefa compartilhada não só entre a família e a escola, mas também com muitos/as outros/as agentes pouco reconhecidos/as até hoje, formando assim um amplo sistema que se espalha pela vida dos/as cidadãos/ãs, em seus diferentes tempos e espaços. O conjunto de textos aqui apresentados explora diferentes e interessantes facetas deste debate.

O artigo de Miquel A. Essomba, *Educación comunitária en contextos urbanos: el reto pedagógico de las Ciudades Educadoras*, apresenta a cidade educadora como macro-estratégia social de natureza inclusiva, para a qual a diversidade dos/as cidadãos/ãs é impulsionadora. Além disso, apresenta o *Proyecto Educativo de Ciudad*, com ações que articulam redes educativas em Barcelona.

Educação popular: articulações entre Paulo Freire, gestão democrática e Cidades Educadoras, texto de Fernanda dos Santos Paulo e Daianny Madalena Costa, aborda as relações entre o conceito de gestão democrática da escola e o projeto de cidades educadoras na perspectiva da educação popular freireana, apresentando contribuições para uma educação integral vinculada à participação popular, à cidadania e à emancipação.

Thiago Dutra, Renata Gerhardt de Barcelos e Lia Heberlê de Almeida contribuem com o artigo intitulado *Cidades Educadoras e gestão escolar democrática: possibilidades para a construção de sociedades mais justas e participativas*. Apoiando-se no pressuposto de que a cidade, para educar a todos e todas, necessita ser democrática, e a escola, como lugar de

excelência para a formação humana *para a e da* sociedade, precisa se organizar de forma democraticamente participativa. Através de uma análise bibliográfica interdisciplinar e da experiência na atuação das autoras e do autor como gestores/as de escolas públicas no Rio Grande do Sul e Minas Gerais, esse texto busca refletir sobre o desenvolvimento de um *modus operandi* no qual os/as cidadãos/ãs sejam participativos/as na reinvenção da escola e das cidades como territórios educativos democráticos que proporcionem aprendizagens da infância até a velhice.

Carlos Wagner C. Araújo, Marcos Antonio P. Ribeiro, Ilda Renata S. Agliardi e Luciana dos S. Celia apresentam o texto *Cidades Educadoras e a educação científica como possibilidade para a educação integral*, problematiza a *Carta das Cidades Educadoras* de 2020 a partir da realidade das cidades brasileiras vinculadas à Associação Internacional das Cidades Educadoras –AICE, afirmando que toda a cidade dispõe de incontáveis possibilidades educativas, mas também pode ser foco de deseducação, e discutindo se as cidades *são* ou *só pretendem ser* educativas. Apontam relações entre educação integral, educação científica e cidades educadoras.

Uma cidade educadora, democrática e inclusiva, deve se preocupar com as especificidades formativas de sua população, deve estar atenta às demandas vindas das peculiaridades próprias da diversidade dos/as cidadãos/ãs e seus territórios. Nesse sentido, o artigo de Cristina Simone de S. Teixeira, Conceição Maria D. de Lima e o Cristiano Cezar G. da Silva, intitulado *Educação escolar quilombola: percursos e desdobramentos dessa ação afirmativa*, aponta aspectos acerca da trajetória educacional dos/as negros/as no Brasil e da demanda por uma pedagogia própria, que considere as especificidades étnico-raciais e culturais da população negra, bem como a formação continuada dos/as professores/as e a produção de materiais didáticos específicos.

A inclusão de todas/es/os é um imperativo das cidades educadoras e da própria escola de caráter democrático, sendo fundamental a reflexão sobre como as diferenças humanas devem ser tratadas, de forma a constituir o direito de cada um ser quem é. O texto de Rosemeiry Assunção A. Z. Lima e Jorge Luís Mazzeo Mariano: *“Homem não rebola”; “Essa menina contamina as colegas”*: reflexões sobre direitos humanos, gênero e escola, promove a reflexão sobre gênero, educação e direitos humanos. Problematisa as relações de gênero, bem como as aprendizagens que acontecem no cotidiano escolar acerca das desigualdades, com base nas representações naturalizadas das masculinidades e feminilidades. Argumentam ser a escola um lugar potente para difundir uma cultura dos direitos, para perceber, conhecer e vivenciar as pluralidades inerentes aos sujeitos.

Bem-estar subjetivo e Cidade Educadora: promoção da saúde à luz da fenomenologia, de Marta Azevedo Klumb Oliveira, apresenta a perspectiva da saúde e bem-estar como a construção de uma realidade intencional em favor do cuidado de todos/as, para o bem viver, como uma necessidade para a humanização dos territórios urbanos. Ressalta o papel da promoção da saúde na cidade educadora como construção de coexistência para o bem comum.

O dossiê organiza-se a partir de uma ampla perspectiva de educação, que compreende a importância da escola e a necessidade de sua articulação em contextos de múltiplas possibilidades formativas, tendo como horizonte a humanização das cidades, seus diferentes territórios e uma educação para *ser mais* (FREIRE, 2002 e 2003), uma educação da vida e para a vida.

São diferentes temáticas como equidade, cidadania inclusiva, sustentabilidade, saúde, construção da paz e outras, que convergem para esta construção político-conceitual, afirmando a escola universal, laica, gratuita, de qualidade e inclusiva (TEIXEIRA, 2009), entrelaçada pedagogicamente a outros espaços urbanos, praças, parques, cinemas, teatros, museus, quadras de esporte, instituições culturais, ruas, ou seja, a todos os espaços de sociabilidade das cidades (MOLL, 2012).

Que este dossiê contribua para afirmar nossas convicções democráticas e nossa compreensão acerca da necessidade de expandir os horizontes formativos, considerando a vida em seus diferentes tempos e nos diversificados espaços em que ela acontece.

Referências

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS-AICE. *Carta das Cidades Educadoras*. 2020. Disponível em: <<https://www.edcities.org/pt/carta-das-cidades-educadoras/>>. Acesso em 11 nov. 2022.

BELLOT, Pilar Figueras. Cidades Educadoras, una apuesta de futuro. In: *Educación y Vida Urbana: 20 años de Ciudades Educadoras*. Edição da Asociación Internacional de Ciudades Educadora. Barcelona: Santillana, 2008, p. 17-21.

FAURE, Edgar. *Aprender a ser*. Alianza Editorial/UNESCO, 1973.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 26 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 35 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MARAGALL, Pasqual. La cuidad de las personas. In: *Educación y Vida Urbana: 20 años de Ciudades Educadoras*. Edição da Asociación Internacional de Ciudades Educadora. Barcelona: Santillana, 2008, p. 13-16.

MOLL, Jaqueline *et al.* *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012.

MORIN, Edgar & DÍAZ, Carlos Jesus Delgado. *Reinventar a educação: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade*. São Paulo: Palas Athena, 2016.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação é um direito*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.